



**"Aber was weiß man von ihnen?": imigrantes turcas e o princípio do silêncio
em *Drei Zypressen*, de Saliha Scheinhard**

"Aber was weiß man von ihnen?": Turkish immigrants and the principle of silence
in *Drei Zypressen*, by Saliha Scheinhard

Dionei Mathias¹

Resumo: Este artigo pretende analisar alguns aspectos da voz do imigrante em *Drei Zypressen* ('Três Ciprestes'), conjunto de três contos, escrito por Saliha Scheinhard e publicado em língua alemã, no ano de 1984. Para isso, o estudo reflete sobre a representação de mulheres turcas e o princípio de silêncio em volta de seu posicionamento nos diferentes espaços sociais, atentando ao lugar da filha na família patriarcal, da imigrante no estrangeiro e da mulher no espaço íntimo. A posição nesses espaços define seu acesso a diferentes recursos para sua formação de identidade.

Palavra-Chave: Saliha Scheinhardt. *Drei Zypressen*. Silêncio.

Abstract: This article aims to analyse some aspects of immigrant's voices in *Drei Zypressen* ('Three Cypresses'), a collection of three short stories, written by Saliha Scheinhard and published in 1984, in German language. To this purpose, this study reflects on the representation of Turkish women and the principle of silence around their position in different social spaces, paying attention to the place of the daughter in the patriarchal family, of the immigrant abroad and of the woman in her intimacy. The position in these places defines their access to different resources for their identity formation.

Keywords: Saliha Scheinhardt. *Drei Zypressen*. Silence.

Introdução

Saliha Scheinhardt, autora de origem turca que escreve em língua alemã, pertence a um grupo de intelectuais que tenta pensar a sociedade e refletir sobre temas que, muitas vezes, não se concretizam nem têm voz nos discursos oficiais ou nas preocupações do espaço público. Ela volta seu olhar para aquelas que se encontram duplamente caladas: mulheres turcas sob o regime do patriarcado e imigrantes arremessadas a um novo contexto sócio-cultural completamente estranho à socialização inicial. O silêncio se condensa de várias formas: na possibilidade de articulação das necessidades pessoais dentro do contexto familiar ou social, em volta do lugar de fala que uma sociedade atribui a diferentes grupos que a compõe, mas também na chance de concretizar projetos pessoais importantes para a narração identitária.

¹ Doutor em Letras. Professor Adjunto no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria.

"Mas o que se sabe delas?" (Scheinhardt, 1984, p. 7)², a pergunta que figura no título deste artigo e aparece no prefácio que Saliha Scheinhardt escreve para o livro intitulado de *Drei Zypressen* ('Três Ciprestes', sem tradução em língua portuguesa) aborda esse problema e serve como meta para a figuração literária. Ao escrever sobre imigrantes turcas, a autora quebra o silêncio sobre sua presença na literatura de ficção e as introduz no universo imaginativo. A voz que emerge do mundo ficcional não pretende somente comprazer, ela se inscreve, antes de mais nada, numa prática de engajamento social que deseja desencadear discussões e alterar práticas sedimentadas que propiciam a unilateralidade e a manutenção do monopólio discursivo. No prefácio mencionado, Scheinhardt (1984, p. 7) escreve:

Este livro não pode alimentar o desejo de esclarecer o leitor sobre toda a problemática. Ter-se-ia alcançado muito, se o leitor recebesse impulsos para pensar sobre os problemas desses jovens. Talvez haja uma ou outra ideia que possa auxiliar os multiplicadores no seu trabalho com moças turcas. Auxiliar a compreendê-las melhor, auxiliar a dar conta da crise de identidade na qual elas se encontram.

O conjunto de três contos, intitulados respectivamente com o nome de três mulheres turcas, pretende mostrar as preocupações, a dor e o porquê de certos silêncios. Na crítica de Heidrun Suhr (1991, p. 75), o livro fracassa completamente em sua tentativa de desconstruir os estereótipos e os preconceitos sobre imigrantes turcos na Alemanha. Essa leitura, contudo, se nega a compreender o mérito da obra quanto a seu potencial de emancipação, como coloca Johnson (1997, p. 268), sua articulação política ou também a sua dinâmica de humanização do outro. O outro em seu caráter exótico e não pertencente, muitas vezes, permanece na posição de objeto secundário da imaginação alheia. No livro de Scheinhardt, a alteridade da mulher turca e imigrante certamente permanece no centro, mas não como objeto a ser utilizado como instrumento do senhor colonial, antes com o intuito de articular seus problemas e propiciar o importante exercício da empatia. Como afirma Seyhan (1997, p. 231): "Doubly marginalized as unwanted foreign elements and as women, in that order, they have turned this double bind into a mode of sociocultural intervention".

² Todas as citações de: SCHEINHARDT, Salina. *Drei Zypressen*. Berlin: Express Edition, 1984. As traduções do alemão são do autor deste artigo.

A pergunta formulada por Spivak (1988) sobre a possibilidade do subalterno falar ressoa pelo livro de Scheinhardt. Outra questão que perturba reside em por que escrever na língua do outro e num espaço sócio-político no qual a pertença ainda tem de ser conquistada e arduamente negociada. Para muitos, a decisão certamente está vinculada à expressão de carinho que se desenvolve pela língua, a partir da qual aprendem a ver e interpretar o mundo. A língua materna já não é mais suficiente para dar conta de todas as dimensões da percepção e concretização comunicativa da realidade. Disso resulta o anseio cada vez mais premente de expressar-se e falar o mundo por meio da nova língua.

Para outros, o desejo de escrever na língua da cultura dominante reside na necessidade de assumir a responsabilidade pela concretização do espaço sócio-cultural e das práticas discursivas. O imigrante já não delega a responsabilidade à cultura dominante de encontrar um lugar no qual o estrangeiro possa falar, ele mesmo procura esse espaço e desenvolve sua fala. Ele aprende a utilizar-se da própria razão e a falar autonomamente num espaço que, no primeiro momento, tende a excluí-lo do coro de vozes que configuram a fala. Esses dois movimentos se referem à esfera extradiegética dos autores. Vale lembrar que muitos deles procedem de um meio intelectual ou detêm um "capital cultural" (BOURDIEU, 1983) que propicia essa aproximação soberana à nova língua, como é o caso de Saliha Scheinhardt. No outro extremo, encontram-se imigrantes oriundos de um estrato social que não teve acesso à formação institucionalizada, de modo que a língua e o mundo da cultura dominante, por vezes, os paralisam, uma vez que não conseguem enquadrar o excesso de informações com que se vêm confrontados.

Como dar uma voz àqueles que não tiveram a chance de exercitá-la e prepará-la para as exigências das práticas discursivas? Na apropriação ficcional dessa realidade extradiegética, Saliha Scheinhardt opta por uma fala simples, um enredo direto e sem muitas sutilezas estéticas, beirando, como indica Suhr (1991, p. 75), à reportagem. Isso, contudo, não diminui seu potencial como plataforma de diálogo e como princípio de reflexão. Nesse sentido, tem de se concordar com a crítica de Henderson (1997, p. 235):

While these texts have been criticized for reinscribing and perpetuating stereotypes about oppressive Turkish men and victimized Turkish women, stereotypes that already abound in the West, I think that her literature nonetheless fulfills an important function. Scheinhardt has the courage to speak out against the abusive behaviour toward women that occurs within the confines of a

supposedly protecting family. In doing so, she subverts the myth of the Turkish family as protection against a cold German society. While acknowledging the desire for a home with protected boundaries, a desire shared by all of her protagonists, she also recognizes the restrictions upon the realization of such a home.

Impor regras estéticas como pré-requisito para sua recepção e discussão me parece uma forma de silenciar a tentativa de encenar e articular a voz daquele que ainda não domina as regras do jogo ou simplesmente não deseja utilizar-se dessas formas institucionalizadas. Uma crítica literária interessada em compreender a problemática da literatura e imigração não pode obstinar-se em dogmas estéticos. Isso equivaleria à reprodução do pensamento dominante, sem respeito à voz em processo de surgimento.

A representação do silêncio e, com ele, da diminuição das possibilidades de obtenção de recursos necessários para a realização de projetos identitários representa o esforço central de narrativa de Scheinhardt. A imagem dos três ciprestes, inspirada num poema de Nazim Hikmet e que antecede os três contos, parece materializar o silêncio daquele que não aprendeu a utilizar-se da língua para defender-se dos ataques brutais que o acometem. O silêncio sonhador "balançando ao vento" e "com a cabeça nas estrelas" (Scheinhardt, 1984, p. 11) acaba desarraigado e incinerado diante da implacabilidade dos detentores de poder. A autora ilustra esse movimento de transformação do silêncio sonhador em voz calada. Nisso, sua voz autoral estabelece uma tentativa de análise do intrincado processo de distribuição de chances.

1. Imagens da família – o patriarcado e o direito à livre escolha

Uma das preocupações centrais de Scheinhardt na composição dessa obra reside na representação de processos familiares, especialmente no que concerne à posição das mulheres no microcosmo de famílias oriundas da Turquia. A imagem masculina raramente se mostra positiva, uma vez que as mulheres sempre acabam como vítimas de desejos e interpretações de homens cujo único fito reside em potencializar seu próprio prazer. A imposição de uma visão egoísta em detrimento das necessidades experimentadas pelas mulheres produz uma série de situações em que estas se vêem acuadas diante do imperativo do silêncio. Não há espaços previstos para a elaboração de um projeto de identidade pessoal que não esteja arraigado na interpretação de realidade masculina. Logo, a distribuição de papéis e dos respectivos caminhos a serem trilhados está embasada na formação discursiva ideada pelos patriarcas (KUHN, 2000, p. 244). As

mulheres que se sentem sufocadas pela rigidez desses caminhos e procuram por alternativas que condigam com seus anseios pessoais de realização são perseguidas violentamente até que se submetam às imposições previstas ou se calem, anuindo aos desejos do homem. Dentro desse regime de vigilância e repressão, as possibilidades de articular uma voz que não esteja impregnada pela ordem masculina são raras.

O primeiro conto, intitulado de "Gülnaz K.", conta a história de uma jovem turca de 18 anos que acompanha seu pai a Alemanha, no início dos anos 70. Entre a dor da separação e os problemas de adaptação, o leitor vai descobrindo detalhes sobre sua vida, nos dois contextos que configuram sua realidade. Durante uma viagem de férias na Turquia, a jovem Gülnaz é raptada por um homem e forçada a casar-se com ele. A importância dessas duas personagens masculinas para Gülnaz já se revela no primeiro parágrafo:

Eu amo meu marido, eu amo meu pai. Eu amo meu marido como meu pai. Eu desprezo meu marido e não posso dizê-lo em voz alta. Ele é um homem. Eu odeio meu pai e não posso mostrá-lo. Ele é um homem. Eu detesto o mestre e não posso fugir. Ele é um homem. Ainda assim eu amo meu marido, que me fez sua mulher por meio da força de seu corpo. Eu amo meu pai; assim deve ser, me disseram (1984, p. 15).

A forma como a personagem se expressa sobre o pai e o marido é característica para todo o texto. Há tentativas ininterruptas de posicionamento frente a essas duas personagens de referência, mas a protagonista não consegue alcançar estabilidade. Entre atração e repulsa, entre amor e ódio, ela fala desses membros de seu círculo social, sem encontrar consonância com suas necessidades. O que transpira desse comportamento é uma dualidade discursiva que forma a base de seus instrumentos de apropriação de realidade. Por um lado, a jovem experimenta o claro imperativo de amar e respeitar pai e marido de forma incondicional e sem quaisquer questionamentos, de acordo com os preceitos institucionalizados em seu espaço cultural de socialização. Seu modo de falar sobre sua dor revela que internalizou, ao menos parcialmente, as regras do discurso patriarcal que exige obediência irrestrita, sem atenção às necessidades pessoais. O discurso que regulamenta a fala demanda silêncio e submissão, forçando a protagonista a calar seus anseios e impedindo-a de expressar tudo que sente. A fala encenada, portanto, representa um modo de dizer o mundo, perpassado de silêncios. Por vezes, ela tenta quebrá-los para expor sua dor, outras, a lei do patriarca se impõe e ela permanece

inconscientemente calada, anuindo à ditadura discursiva, sem dar-se conta de que suas palavras reproduzem a ordem e a interpretação de realidade do outro.

Diante da contradição dessa passagem inicial, o leitor pode perguntar-se se o amor e o respeito que a protagonista demonstra e reitera posteriormente são frutos de uma constelação afetiva realmente experimentada ou se a encenação dos mesmos não resulta de uma imposição que, por vezes, escapa à própria Gülnaz. A partir da instabilidade inicial, começa a materializar-se uma desconfiança sobre a fala, a despeito de sua suposta simplicidade. Há momentos, contudo, em que a protagonista quebra o silêncio e reflete ativamente sobre seu entorno. Isso acontece, por exemplo, quando sua irmã foge de casa, aos 18 anos, para casar-se com o homem que escolheu:

Se eles a tivessem pegado, os homens talvez a tivessem forçado com uso de violência a voltar para casa, mas também para isso era tarde demais. O que aconteceu, aconteceu, ela sujara a honra da família. Isso nunca mais poderia ser limpo. Por isso, ela deveria estar morta para a família. Avô veio para casa depois da oração noturna, seus lábios tremiam, seus ombros estavam curvados. Em casa, novamente predominava um silêncio de morte. Quando meu pai fora informado por carta dos acontecimentos, sua reação foi igual a do meu avô. Minha irmã estava e permanecia morta para todos nós (1984, p. 22).

Diante da cultura de submissão da mulher e da prática do silêncio minuciosamente instalada nos membros femininos da família, Gülnaz dá um passo significativo em direção à autonomia crítica, uma vez que não se apropria dos acontecimentos que envolvem a vida da irmã de modo passivo. A mãe chora lágrimas de dor pela impossibilidade da filha de realizar no seio da família uma cerimônia alegre de casamento, mas em nenhum momento ousa questionar a decisão do avô e do marido de abandonar a filha a seu destino e decretar subsequentemente sua morte simbólica. Interessantemente, a voz da mãe raramente surge no relato não somente porque a voz narrativa prioriza outros focos de atenção, mas também porque, dentro da própria lógica intradiegetica, ela não aprendeu a articular suas necessidades nos discursos patriarcalmente organizados. Ao contrário da mãe, a jovem Gülnaz começa a perceber uma política unilateral por trás dos fatos, o que não a move a rebelar-se e questionar abertamente a manutenção do poder,

mas, ao menos, a entrever a possibilidade de uma outra organização do espaço social familiar.

Desse movimento nas coordenadas da percepção surge a visão das possibilidades reais que a irmã teria, se tivesse permanecido sob o poder dos homens de sua família. Nesse deslocamento perceptivo, a violência não é interpretada como castigo merecido, portanto como instrumento legítimo para disciplinar a fala sobre o mundo, mas como forma arbitrária e unilateral de impor a verdade dos patriarcas, ameaça à integridade física da mulher e instrumento de silenciamento. Gülnaz vê o corpo do avô tomado pelo ódio produzido pelo questionamento que se impõe com a fuga da irmã. A honra maculada provavelmente reside muito mais nesse questionamento do que na factual fuga da jovem, porquanto o ato de fugir implica a materialização de uma liberdade feminina que se nega a continuar às sombras da fala dos patriarcas. A única forma que resta para manter o monopólio da verdade se encontra na imposição do silêncio. Este se condensa de forma cada vez mais sensível na família de Gülnaz. Esta, contudo, não o percebe como necessidade e obrigação, mas como imposição arraigada na produção de medo. Fischer e McGowan (1996, p. 13) escrevem: "Fear and dependency hinder many of the protagonists from developing constructive strategies for liberating themselves from this situation".

Nesse contexto de repressão, portanto, a livre escolha permanece um desejo irrealizável. A irmã tenta conquistar sua liberdade por meio da fuga e com um casamento não autorizado pela família. O preço dessa tentativa de escapar da determinação patriarcal é a separação completa de pessoas importantes como a mãe, mas também a impossibilidade de criar uma narrativa de aceitação e solidariedade. A própria Gülnaz, por fim, também acaba como vítima, embora tenha se curvado a todas as imposições do pai. Intransigente, este não permite que nenhum homem se aproxime dela, o que estimula o pretendente a raptá-la, forçando-a a um casamento que ela não escolhera livremente. Embora seu marido seja carinhoso e a despeito de experimentar prazer ao lado dele, a jovem não teve a chance de optar por um caminho independente. Sua vida resulta das decisões e dos desejos dos homens que imperam em seu espaço social. Nisso, seu relacionamento com eles permanece ambíguo e tomado pelo silêncio.

2. Imagens da vida social – o direito à educação e à dignidade

O segundo conto narra a história de Zümrüt. Diante de um tribunal alemão, ela reconstrói detalhadamente os acontecimentos que marcaram sua vida e que a levaram ao tribunal. Ela acompanha seu pai e sua madrasta à Alemanha, que, como muitos

compatriotas, aproveitaram a onda de emigração para trabalhar no exterior. Quando estes voltam para a Turquia durante as férias, ela permanece na Alemanha, sob a guarda de uma família vizinha. Sozinha em casa, o vizinho Beşir se aproxima e a violenta, forçando-a posteriormente a manter um relacionamento com ele. Quando mais tarde deseja construir uma vida própria com o namorado Hakan, Beşir a persegue, até que, desesperada, não divisa outro caminho que assassiná-lo. Ele escapa com um ferimento leve, ela para diante do tribunal.

Semelhantemente às experiências de Gülnaz, a protagonista do primeiro conto, Zümrüt também se encontra cercada por um aparato de silêncio que se estende ainda mais no novo contexto cultural. Assim, quando relata as minúcias de seu desenvolvimento pessoal, alimentando a esperança de esclarecer a motivação que a levou a cometer o crime, o tribunal pede um relato conciso, impondo o silêncio de um outro modo, num novo contexto, mas que novamente tange a liberdade da mulher que procura dar conta de sua vida, sem as constantes interferências de instâncias patriarcais.

O senhor poderia, por favor, traduzir, que acusada queira encurtar, se for possível, sua história de vida, embora tenhamos ouvido essa lenda com grande interesse e atenção. Nosso pedido é de seu interesse, pois ela certamente também deseja que o tempo não seja extrapolado em demasia. "Mas como devo encurtar tudo isso, o senhor pode me dizer? Não bata, por favor, pare, está doendo. Seus porcos, não me batam, seus patifes" (1984, p. 61-62).

Dentro das formas de fala previstas no tribunal, o relato detalhado, com atenção especial às colorações emotivas não tem lugar. No choque dessas duas formatações discursivas, prevalece a do tribunal, uma vez que detém mais poder. A falta de conhecimentos de língua alemã deixa a protagonista ainda mais fragilizada e à mercê da boa vontade alheia.

A pergunta retórica e sua resposta materializada num discurso linguístico que transpira a violência sofrida indicam a revolta que se apossa dela. Zümrüt se insurge contra a política de exclusão do patriarca, dos discursos sociais específicos que determinam os modos de fala, indiretamente também contra a imposição da língua dominante como único instrumento de defesa e formação de realidade. Indiretamente ela pergunta se o relato conciso com atenção à violência sofrida pode, de fato, captar o que vivenciou. Contudo, para que esse insurgimento tenha consequências na concretização discursiva, ela precisa ativar outros recursos a fim de obter êxito. Talvez sua maior

vulnerabilidade reside justamente nesse aspecto, pois ela não teve a chance de exercitar estratégias de articulação e discussão nos círculos centrais da família, da escola ou do trabalho. Esses diferentes espaços não favorecem o exercício da autonomia, pelo contrário, eles estimulam a submissão e a aceitação da voz alheia como lei e verdade.

Especialmente o acúmulo de capital cultural teria um impacto importante para o desenvolvimento da jovem turca, porém, suas chances de acesso à educação não mudam significativamente no contexto cultural alemão, pois acaba num gueto educacional para imigrantes turcos que não a prepara para sua inserção num estado democrático de direito. A protagonista relata: "eu entrei na escola no meio do ano letivo. Um professor turco, muitas crianças turcas de diferentes idades, origem diferente, meninas, meninos, um monte de miséria. Era uma assim denominada classe preparatória. Talvez tenha demorado semanas, até que alguém na sala se desse conta da minha presença" (1984, p. 64). A família de Zümrüt não traz o capital cultural que possa auxiliá-la a apropriar-se dos recursos existentes no estado. Este, por sua vez, não demonstra grande interesse pela situação dos imigrantes, adotando medidas que não levam em consideração um desenvolvimento a longo prazo. Com efeito, a formação do gueto educacional representa uma solução rápida, para o tempo em que os imigrantes permanecem no país, sem preocupar-se com a integração efetiva desse grupo na sociedade.

Essa marginalidade não se restringe somente à educação, ela também tem um papel fundamental na realização do trabalho. Este representa uma forma essencial de participação social e de aquisição de recursos econômicos. Com a marginalização dos imigrantes no mercado de trabalho, a situação destes se torna ainda mais fragilizada, pois os exclui também de uma narração identitária embasada no sentido e na integração. Em parte, as personagens de Scheinhardt, não têm permissão de trabalho, em outros casos, elas vivem em constante medo de serem expulsas do país. Esse receio as disciplina e as mantém submissas, o que também vale para Zümrüt, sua família e seu namorado Hakan que evitam conflitos acentuados com seu antagonista, diante do risco de perderem o direito de permanência do país.

Além disso, era perigoso demais provocar uma briga desse tipo, talvez isso pudesse significar a expulsão para nós, por causa das determinações sobre estrangeiros, em vigor. Todos os estrangeiros, especialmente os turcos, têm um medo infernal da expulsão. Tínhamos dívidas, ainda tínhamos que aguentar por algum tempo a miséria nesse país, em outras palavras: as consequências de uma

briga poderiam nos custar nossa existência. Muitos de nossos compatriotas vivem como cordeiros, diante desse medo. Muitos suportam a mais terrível exploração, violência e injustiça e não têm coragem para defender-se (1984, p. 72).

A situação legal dos estrangeiros propicia que se desenvolva uma ética paralela, arraigada no princípio da violência entre os próprios estrangeiros. O estado representado na realidade intradiegetica tem interesse em despertar uma cultura do medo, pois por meio da ameaça de expulsão cria um comportamento de submissão e empenho por parte dos imigrantes, silenciando questionamentos indesejados. Enquanto a indústria e o país crescem, a situação nos guetos de estrangeiros produz outra realidade. Assim, Zümrüt precisa calar-se, embora seja violentada pelo vizinho turco; ela precisa calar-se para não pôr em risco os planos profissionais do namorado, Hakan. Com seu silenciamento progressivo, ela perde chances de obter recursos culturais, sociais e econômicos. Isso, por sua vez, a arremessa ainda mais nas margens da sociedade, impedindo uma integração digna na sociedade em que vive, e lhe rouba a oportunidade de realizar-se como mulher independente. O ciclo do silêncio que se inicia no círculo familiar se estende para o espaço mais complexo do estado. Com o monopólio do poder, este deixa a imigrante às margens, sem importar-se com as consequências que os acontecimentos têm para Zümrüt.

3. Imagens da vida íntima – o direito à beleza

As protagonistas femininas de Scheinhardt, além de excluídas do princípio de autonomia no contexto da família patriarcal e do acesso desimpedido à educação e ao trabalho no contexto da imigração, igualmente encontram dificuldades para vivenciarem experiências de beleza. Isso vale especialmente para a narração de amor, o que representa um eixo da construção identitária. Gülnaz, a protagonista do primeiro conto, é raptada e se casa à força. Zümrüt, a protagonista do segundo, se apaixona pelo jovem Hakan, mas vive sob constantes ameaças e perseguições do homem que a violentou. A história de Zeynep, a terceira mulher, não se diferencia essencialmente dessas trajetórias de dor e silenciamento. Seu destino já está traçado pelos desejos do pai que se resumem a um casamento arranjado, para dar continuidade à política patriarcal de submissão. Zeynep, contudo, cresce na Alemanha, arremessando-a ao conflito identitário intercultural, o que a faz desejar, entre outras coisas, o direito de amar e construir um relacionamento a partir da livre escolha.

A vigilância constante do pai e dos irmãos dificulta qualquer interação social que não tenha sido sancionada anteriormente pelos homens da família. Apesar do controle intenso, Zeynep se relaciona com um jovem alemão, Werner, na esperança de poder viver uma história de amor que lhe traga realização pessoal. A fuga da família, a vida numa república de amigos e o apoio de Werner parecem inicialmente possibilitar um recomeço independente. O constante estresse social e emocional, porém, acaba afetando o relacionamento, de modo que Werner a abandona, pois não deseja arruinar sua juventude por conta desse excesso de problemas. O preço a ser pago por Zeynep é alto, pois, ao contrário de Werner, seu capital social não apresenta uma base sólida. Depois da fuga, o pai a expulsa da família e proíbe aos outros membros da família de manterem contato com ela.

Quando Werner a abandona, ela se encontra completamente sozinha, sem nenhum conhecido a qual possa recorrer, restando somente a casa de mulheres, instituição que acolhe mulheres com problemas, o que a exclui definitivamente de seu grupo: "Se uma turca esteve uma vez numa casa de mulheres, então ela iguala a uma puta nos olhos de homens turcos" (1984, p. 135). Com efeito, a narração do amor fracassa em vários níveis: na família, no primeiro relacionamento amoroso e no que concerne a suas chances para um relacionamento posterior. A permanência na casa de mulheres a estigmatiza de tal forma, que suas chances de construir algo satisfatório, ao menos, com um homem de origem turca são mínimas.

A experiência de beleza, me parece, encerra entre outras coisas a sensação de plenitude, de consonância entre desejo e realidade como também a possibilidade de formação de sentido. A concretização existencial, de certa forma, se movimenta em direção ao belo, estabelecendo com isso uma linha teleológica que guia o sujeito a procurar por determinados recursos existenciais. Em volta da imaginação daquilo que se considera subjetivamente bonito surge uma narração identitária que compõe as diversas faces do sujeito. Para as mulheres imigrantes de Scheinhardt, esse processo de imaginação se torna especialmente dificultoso, uma vez se encontram divididas entre dois espaços culturais e também afetivos. Assim as culturas turca e alemã determinam sua concepção de realidade e, com ela, aquilo que consideram belo e almejavél. Nisso, surgem anseios por narrações de beleza que já não se enquadram nos moldes da socialização primordial, o que vale especialmente para a concretização da experiência de amor. Esta não se satisfaz mais com os caminhos determinados pelo patriarca.

Por outro lado, também se encontram divididas entre duas esferas afetivas: entre a família e o desejo de autonomia. Nos três casos, as famílias comercializam seus afetos

em troca de obediência e subordinação. Assim que as filhas irrompem das malhas de controle, elas são punidas com a privação de afetos. Diante da instabilidade anímica e da escassez de capital afetivo, seus ensaios de autonomia e suas tentativas de construção de narrativas de amor estão constantemente em risco, na verdade, quase sempre fadados ao fracasso. Nisso a beleza se transforma num bem raro, visto somente à distância, na vida do outro. A narradora Zeynep relata:

Eu já fracassei no começo de toda tentativa de família, escola, formação, profissão, amor. Eu vivo sem ponto fixo. Sem qualquer orientação, encontro-me entre a pátria de meus pais e o estrangeiro. Eu não tenho pátria. Nem sequer consigo falar um turco límpido. Meus irmãos na Turquia não compreendem minha língua, nem meu comportamento, para eles eu sou uma estranha (Fremdling) (1984, p. 105).

Talvez a experiência do amor represente, antes de mais nada, a sensação de pertencer a um lugar. Com base nessa pertença, concretizam-se também as possibilidades de vivenciar a beleza e de dizê-la. Zeynet se encontra excluída desse mercado de estabilidade anímica, pois o abandono do espaço patriarcal e sua inserção no novo espaço da autonomia são demasiado complexos para serem processados por ela. Nessa luta por sua porção de beleza, suas chances de êxito são mínimas, especialmente também porque não há instâncias externas que canalizem esforços para orientá-la. A solidão em que se encontra pode representar a materialização do silenciamento ou um impulso para mudança.

Considerações finais

Scheinhardt utiliza os ciprestes como símbolo para sinalizar a experiência dessas três jovens mulheres turcas que deixam o espaço cultural de sua socialização inicial para concretizarem suas vidas no mundo germanófono. Em muitas culturas, o cipreste simboliza pesar, mas também longevidade, resistindo às intempéries do inverno setentrional. Os dois elementos se encontram atualizados na caracterização das personagens. Há muito pesar na experiência das protagonistas, diante da impossibilidade de uma construção de identidade embasada na autonomia, na distribuição justa de chances ou no acesso à beleza. Por outro lado, há um movimento de resistência e

firmeza em face das inúmeras atribuições que acometem suas vidas. Rodeadas por uma prática intensa de silêncio, elas precisam aprender a se impor.

A forma simples para representar a fala dessas mulheres indica quão distantes se encontram de uma prática de articulação impositiva que conhece a regras discursivas e se insere ativamente no processo de formação do dizer oficial. Essa insuficiência provavelmente também produz uma parte da tragicidade que se estabelece na narração. Embora o preço a ser pago por elas seja demasiado alto, nessa primeira tentativa de quebrar o silêncio e inserir sua visão de mundo no coro das falas reside um grande potencial de alteração e revisão de modos ultrapassados de interpretar a realidade. No nível da expressão, a estética da simplicidade não pode ser categoricamente rejeitada. Ela encerra uma dimensão política importante para o desenvolvimento discursivo da voz às margens.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital. In: KRECKEL, Reinhard (Ed.). **Soziale Ungleichheiten**. Göttingen: Otto Schwarz, 1983, p. 183-198.

FISCHER, Sabine; MCGOWAN, Moray. From Pappkoffer to Pluralism: on the Development of Migrant Writing in the German Federal Republic. IN: HORROCKS, David; KOLINKY, Eva (ed.). **Turkish culture in German society today**. Providence: Berghahn Books, 1996, p. 1-22.

HENDERSON, Heike. Re-Thinking and Re-Writing Heimat: Turkish Women Writers in Germany. IN: **Women in German Yearbook: Feminist Studies in German Literature and Culture**, v. 13, 1997, p. 225-243.

JOHNSON, Sheila. Literatur von deutschschreibenden Autorinnen islamischer Herkunft. In: **German Studies Review**, Vol. 20, Nr. 2, 1997, p. 261-278.

KUHN, Anne. Women's Writing in Germany since 1989: new concepts of national identity. IN: CATLING, Jo (ed.). **A History of Women's Writing in Germany, Austria and Switzerland**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 233-253.

SCHEINHARDT, Saliha. **Drei Zypressen**. Berlin: Express Edition, 1984.

SEYHAN, Azade. Scheherazade's Daughters. The Thousand and One Tales of Turkish-German Women Writers. IN: BRINKER-GABLER, Gisela; SMITH, Sidonie (ed.). **Writing New Identities: Gender, Nation, and Immigration in Contemporary Europe**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 230-248.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak ? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Ed.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Chicago: University of Illinois Press, 1988, p. 271-313.

SUHR, Heidrun. 'Heimat ist, wo ich wachsen kann': Ausländerinnen schreiben deutsche Literatur. In: IWASAKI, Eijiro (Org.). **Begegnung mit dem 'Fremden': Grenzen, Traditionen, Vergleiche. Proceedings of the Eighth International Congress of Germanists, Tokio**. München: iudicum, 1991, p. 71-79.